

ERA UMA VEZ PORQUE NÃO ERA MAIS

Jandyra Kondera Mengarelli

Em *Os Sonhos Infantis*, Sigmund Freud nos apresenta alguns sonhos de crianças bem pequenas onde o resto diurno aparece sonhado de forma quase que direta. Um dos exemplos que ele traz é o de uma menina de três anos e três meses a quem lhe pareceu muito curta uma primeira travessia que fizera em um lago. Ela sonha na noite seguinte, então, que havia continuado seu passeio no barco sem qualquer interrupção. O que Freud analisa é que este sonho opera uma transformação que se traduz nas seguintes frases:

de: “eu queria navegar pelo lago”

para: “eu navego pelo lago.”

Sendo o sonho a expressão de um desejo, eis que a garotinha realiza seu desejo em acontecimento vivido, tal qual uma experiência alucinatória. Freud ainda atenta para o fato de que o sonho não apenas reproduz a excitação, senão que também “a distancia e a esgota por uma espécie de assimilação vital¹.”

O que ele quer dizer com espécie de assimilação vital? Sabemos que o trabalho sobre *Os Sonhos*, de 1900, funda e mostra o mecanismo no qual a realização de desejo aparece numa realidade que passa a se chamar de psíquica e assim o desejo aparece de outra forma, sob uma via de outra espécie. O que ele deixa claro é o caráter substitutivo, no sonho, do que se quer realizar. Um

elemento por outro, sendo que aquele que aparece no conteúdo manifesto encontra-se deformado, deformação necessária para que, simbolicamente, ele se realize.

Mas e quanto à criança pequena cujo elemento não aparece deformado, ou no dizer de Freud, o desejo aparece sob forma direta? Que espécie de assimilação vital seria? Parece que ele quer dizer que, muito embora sem deformações. . . ainda, a criança pequena assimila, inaugura um lugar tal qual o sonho onde a realização e a vivência, a experiência de estar vivendo, realizando aquilo que ficou a desejar, possa ser encenada, para isso precisando de uma Outra cena.

Sem deformações, portanto, quanto ao elemento do sonho; mas com transformações quanto ao meio, quanto a espécie de realizar. Sem transformações substantivas, mas com expressiva transformação no verbo, indicativo da ação (eu queria navegar, eu navego). E a sonhante de Freud, então, esgota a excitação: faz uma via fluvial, vazante de seu lago pelo sonho. O lago, agora, seu Outro lado.

É como se, num arroubo de prodigalidade, a garotinha estivesse junto aos versos: “Navegar é preciso; viver não é preciso”.

— Meu reino por um instante atemporal de navegação! Ou ainda, viver não tem a precisão que tem o sonho onde posso, e lá é que desejo estar. E lá estarei embora não estando.

Falamos de sujeito, pois não?

Vê-se logo a criação onírica determinada pela realidade insatisfatória que deixou um resto diurno; resto que conta no sonho, sonho que busca dar conta do resto. Para a criança pequena seu desejo pode aparecer de forma direta ou quase, mas o que importa aqui é a inauguração de um lugar onde isso se dê. Que aí expresse um desejo que ainda se confunde com a demanda, é por razões constitutivas. Haverá um momento em que entre

demanda e desejo se instalará uma barragem, e será por conta de um drama bem familiar, drama edípico. Tempo de constituição de uma metáfora, uma metáfora sua — nada surpreendente que este tempo coincida com o manejo que ela poderá vir a fazer da metáfora lingüística. Sairá depois pela vida afora demandando, demandando, demandando e seu desejo será sempre da ordem do resto não realizado, da ordem da (in)satisfação da demanda. Aquilo que o alvo da demanda não mais acertará. Suportar este resto é toda a questão. Terá a literatura algo a ver com isso?

Inaugurando um lago por onde navegar, não serão os contos uma espécie de navegação na qual as deformações, as substituições ocupam um lugar e dão rumo àquilo que, na conta, restou? E as aventuras da imaginação, longe de serem fuga da realidade, em verdade são meios para encontrar um lugar na realidade. Realidade psíquica. E é esta que tem prioridade sobre aquela.

Em *O Poeta e a Fantasia*, artigo por sua vez sublime de Freud, encontramos algo semelhante dito do poeta: “as pulsões insatisfeitas são as forças impulsoras das fantasias, e cada fantasia é uma satisfação de desejo, uma retificação da realidade insatisfatória”². Identificando o poeta ao sonhador, capaz de transformar em criação poética seu sonho diurno, Freud verifica que “a linguagem, com sua sabedoria insuperável”, é a via de retificação da realidade insatisfatória. Assim sendo, o poeta buscaria fazer algo com e a partir da insatisfação. De resto, verso. Da ausência de satisfação, uma presença de outra espécie. Estamos no campo da metáfora onde a ausência tem prioridade sobre a presença e, na entrada do jogo opositivo, o júbilo da criança no que o gato faz au-au e o cachorro miau-miau. Na palavra retifica-se e, pela mesma via, ratifica-se, isto é, se confirma.

A presença da palavra em substituição à coisa, traz a presença da coisa enquanto morta. Daí entendermos a qualidade equívoca da linguagem, capaz com sua sabedoria de saber sentidos vários, já que o sentido apenas um e todo está perdido com a coisa

morta. Morta justamente no ato em que a palavra vem recobrir. É assim também que a palavra funda a coisa, já que é sempre uma homenagem póstuma. A sabedoria da linguagem, ou ainda o cristal da língua como diria Lacan, a um só tempo lapidam um prazer extraído do real da falta e fazem lápide àquilo de que irremediavelmente passa-se a carecer.

Mas estes restos, onde eles ficam, uma vez postos sob lápide? Ficam eles enterradinhos e quietinhos no fundo de algum mar? Não, não ficam. Eventualmente há piratas que vão lá remexer. Estes restos, eles estão por aí. Emergem logo do lago da garotinha. Estes restos, ao retornarem, se transformam, surgem deformados, surgem da floresta, em forma de lobo e, porque trazem o mal-estar, o lobo é chamado de lobo mau...

E o lobo mau é um destes estranhos retornos. Unheimlich, já que sua origem é incerta. Conforme o Apêndice em Os Contos de Perrault³ ele surge da floresta, não habita nenhuma cidade, não pertence a uma língua ou aldeia, entabula conversa com homens e animais, tem passagens junto a magos e, principalmente é um andarilho, vaga pelas aldeias, é sempre um estrangeiro, um estranho. É dele que tem-se medo. É dele que a mãe de Chapeuzinho Vermelho quer proteger, mas Chapeuzinho transgride ...Ora, ora, senhor lobo, a que interesses o senhor visa com esta boca tão grande, estes olhos tão grandes, esta voz tão rouca? A que pulsões o senhor invoca e tão estranhamente familiar vem tocar?

Se a sedução por um adulto passa pela voz, pelo olhar, pela boca tão doce, bem podemos formular que lá onde era a mãe, um lobo admirá. E surgirá fazendo temer. Mas, alerta para a diferença, não é mais mãe, não é mais pai, embora tivesse antes sido. Por isso é estranho, por isso é familiar. Porque vem simbolizá-los na ausência, vem trazê-los e por isso mesmo é capaz de oferecer agora outros sentidos. Revestido de animal feroz e assustadoramente estranho, o que ele encobre é o retorno do familiar pela via do

imaginário. “ Isso que surge como estranho é justamente o familiar da estrutura”⁴.

E que dizer da bruxa malvada que, vejam só, oferece a maçã (por que maçã, não?) que faz a bela adormecer para que o beijo do príncipe a acorde? Pela boca o veneno com o qual morrer de amor, eis o que a bruxa lhe dá. Envenenada de sexualidade, adormece na latência para, num segundo tempo, nos braços de outro acordar. Das mãos da mãe aos braços do desejo. Travessia.

Matamos a coisa, trazemos o lobo. Matamos a coisa, trazemos a bruxa. E depois matamos o lobo e também devolvemos a bruxa às trevas. Eles vão e voltam e, no ínterim, cumprem sua função: trazer o caldeirão ardente onde borbulham as pulsões para dar-lhes uma vazão. E então, como esta vazão começa a encontrar os meios e os drenos: de novo!

Dar destino às pulsões é parte da questão. A literatura dá ocasião de expressão do que ficou impresso. A insistência da criança no de novo, é sua urgência em saber o que fazer com isso, encontrar lugar para sua lápide, lapidação. E que melhor que fadas más e boas para dar ocasião de transformar as coisas? Ela mesma, a fada má, vestida de trapos, com um enigmático saco nas costas, apetrechada de restos: patas de aranha, asas de barata, pó de cobra, unhas de morcego e olhos de coruja sem a coruja — e eis a receita: um abracadabra que mistura tudo no caldeirão. Palavras que juntam restos. Palavras que abrem a transformação. Se ela vive de restos é porque os valoriza. Junta-os todos, e o que temos? Um novo corpo a ser comido ou destinado a viver em sacrifícios sob formas não humanas (estranho). É quando intervém o outro lado da bruxa: com sua batuta (vulgo varinha), corrige o destino e ei-la colocando uma mocinha a caminhar no brejo do sapo. Afinal ninguém desconhece o lado sapo do príncipe. Desencontro lá, encontro cá. Estranho lá, familiar aqui. E dos restos algo se constrói novamente, só que em outra coisa.

Um saber fazer com as pulsões, com o resto. Uma criança certamente não é a mesma depois do era uma vez... Triunfo do prazer na transformação do mal-estar, os contos encantam porque têm valor de retificação, de arranjo, de composição. Eles oferecem vozes, expressões que falam à criança na sua urgência em costurar sua apetrechada de restos. Eles oferecem a possibilidade da criança estar ali não estando, de algum personagem dar voz ao que nela encontra-se impalavrável.

Uma história sempre é uma ficção. E a literatura infantil é, primeiramente, literatura. Ou não é. Oferecer literatura à criança é propor um encontro entre o sujeito que habita o leitor e a narrativa — encontro mantido entre o universal e o particular. Nesta espécie se constitui um saber fazer que entrelaça conto e leitor.

O eu, sendo o palco das tensões conflituosas, é também o que voa, o que se deixa enlevar nas aventuras da imaginação. O eu é imaginário. Entretanto algo o atravessa e é aquilo que entra em jogo na insistência das pulsões que fará do leitor não um eu que lê, mas um sujeito. Ele pensa que lê, que ouve a história, mas em Outra cena ele é que é lido, que é olhado e ouvido pelo conto. Ele é capturado, ele é contado. Implicação que se dá de tal forma que, não raro vemo-lo ressurgir em seus sonhos ou pesadelos, eventualmente nas brincadeiras, assumindo vozes, expressões, ações dos personagens que dele tomam conta. Podemos dizer que o leitor, ao ser capturado é falado desde o conto. Ou seja, os contos o pescam na rede de significantes na qual ele é o peixe de seu próprio lago e também o pescador das águas da linguagem que, neste ato, o banham. Ao estilo de que um significante representa um sujeito para outro significante, aqui podemos dizer que um personagem representa um sujeito para outro personagem.

Embora o eu seja o protagonista, como dizia Freud, é mister que entrem em jogo os elementos com os quais protagonizar. E então, este real do resto da coisa perdida, teima em ressurgir pedindo lugar e destino. Ressurge nos personagens que bem se

prestam a grunhir, vociferar numa sinfonia de vozes e de palavras a trazer a coisa para depois dar um jeito nela. Trazer o cru para cozinhá-lo. Trazer o nu para vesti-lo. Navegar lá para poder viver aqui.

O simbólico, campo da palavra, é o que mantém e sustenta o conto. Toda a trama ali narrada é o plano em que o imaginário tem lugar. Obviamente o ingrediente do real jamais poderia faltar, já que ele é o pivô gerador da trama, quer dizer, o resto, o mal-estar que apela a um sentido. Este sentido, dado na singularidade do encontro entre ele e um sujeito, subjetiva. Por isso que o lobo, uma vez que entrou na história de cada um, tem a particularidade de ser o lobo de todos e o lobo nosso de cada dia.

E por um bom tempo o lobo pode ser a mãe devoradora. Depois poderá ser o pai rival com quem medir forças. Depois um homem apresentado animalescamente numa erótica longe do olhar da mãe. Depois um homem simplesmente. Homem de outra aldeia, de outro clã, estranho à tribo. Aquele que, como em Terezinha de Jesus, não é o primeiro, nem o segundo. É o terceiro... que dá a mão na passagem da endogamia à exogamia.

E era uma vez muitas vezes isso.

NOTAS

1) FREUD, Sigmund: Introducción al Psicoanálisis. Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1968, p.214, vol. II.

2) : El Poeta y la Fantasia. Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1968, p. 1057, Vol. II.

3) PERRAULT, Charles: Contos de Perrault. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1985.

ERA UMA VEZ PORQUE NÃO ERA MAIS

(4) MENGARELLI, Hugo D.: “ ‘Las Meninas’, o Espelho e a Montagem Clássica Hollywoodiana” in Palavração - Revista da Biblioteca Freudiana de Curitiba n.º 3. Curitiba, 1998.

Sobre a Autora

Psicanalista-Membro da Biblioteca Freudiana de Curitiba, onde é responsável pelo Espaço Psicanálise de Crianças e Adolescentes. Psicóloga do Serviço de Psicologia do H.C. - U.F.PR. Poeta.